



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

GILSON ALVES DA COSTA

LINHAS TEÓRICAS E DE PESQUISA NA REVISTA DO BNDES ENTRE 1994/2017

JOÃO PESSOA-PB
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

LINHAS TEÓRICAS E DE PESQUISA NA REVISTA DO BNDES ENTRE 1994/2017

Trabalho apresentado por Gilson Alves da Costa,
como parte dos requisitos exigidos para
conclusão do curso de graduação em Ciências
Econômicas da Universidade Federal da Paraíba.

GILSON ALVES DA COSTA

JOÃO PESSOA-PB
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C8381 Costa, Gilson Alves da.
LINHAS TEÓRICAS E DE PESQUISA NA REVISTA DO BNDES ENTRE
1994/2017 / Gilson Alves da Costa. - João Pessoa, 2018.
29 f.

Orientação: Alexandre Lyra Martins.
TCC (Especialização) - UFPB/CCSA.

1. Teoria econômica; história econômica. I. Martins,
Alexandre Lyra. II. Título.

UFPB/CCSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA


AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Comunicamos à Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Econômicas (Bacharelado) que o trabalho de conclusão de curso (TCC) do (a) aluno(a) **GILSON ALVES DA COSTA**, matrícula **11223544**, intitulada **LINHAS TEÓRICAS E DE PESQUISA NA REVISTA DO BNDES ENTRE 1994/2017**, foi submetido à apreciação da Comissão Examinadora, composta pelos professores: Dr. Alexandre Lyra Martins (orientador), Dr. Hélio de Sousa Ramos Filho (examinador) e Dr. Jorge Luiz Mariano da Silva (examinador) no dia 08/11/2018 às _____ horas, no período letivo 2018.1.

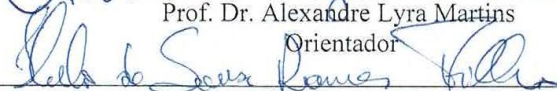
O TCC foi APROVADA pela Comissão Examinadora e obteve nota 9,0 (NOVE).

Reformulações sugeridas: Sim () Não ()

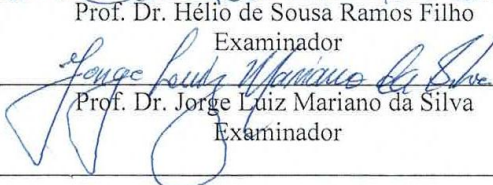
Atenciosamente,



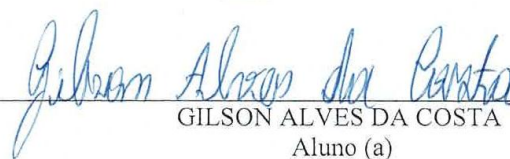
Prof. Dr. Alexandre Lyra Martins
Orientador



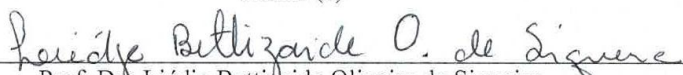
Prof. Dr. Hélio de Sousa Ramos Filho
Examinador



Prof. Dr. Jorge Luiz Mariano da Silva
Examinador

Cientes: 

GILSON ALVES DA COSTA
Aluno (a)



Prof. Dra. Liédje Bettizade Oliveira de Siqueira
Coordenadora da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso

AGRADECIMENTOS

Quero, primeiramente, agradecer a Deus pela oportunidade concedida por estar gozando de saúde, paz, sabedoria, discernimento, fortaleza, persistência e superação tão necessário a complementaridade de uma formação superior. Ainda mais, em um país como o nosso com poucas oportunidades disponíveis aos seus cidadãos. Também quero registrar um agradecimento especial a meus pais, pela paciência e tolerância por todos esses anos de empenho e dedicação, trabalhando e possibilitando minha formação acadêmica.

Registro, por fim, agradecimento ao professor Alexandre Lyra Martins, pelo empenho e paciência na orientação de meu trabalho de conclusão de curso. Ao mesmo tempo, lembro com gratidão dos demais professores da UFPB pela dedicação de tantos anos nas atividades acadêmicas diversas, seja ministrando aulas, orientando alunos ou desenvolvendo pesquisas, muitas vezes sem condições favoráveis, mais acima de tudo com compromisso para com seus deveres de educadores.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo quantificar e qualificar os trabalhos publicados na revista do BNDES, segundo a área de conhecimento de economia e das referências adotadas nos artigos, entre 1994 e 2017. Inicialmente o estudo concluiu que a maioria de publicações foram elaboradas individualmente, mas também há muitas co-autorias com pesquisadores de instituições do Rio de Janeiro, onde fica a sede do banco. A maioria desses autores publica na área de Desenvolvimento econômico, prioridade na atuação da instituição e tem marco teórico predominantemente estruturalista, confirmando um alinhamento esperado com a orientação teórica/política dos governos do período estudado.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria econômica; história econômica; história do pensamento econômico.

ABSTRACT

The present study aims to quantify and qualify the papers published in the BNDES journal, according to the area of knowledge of economics and the references adopted in the articles, between 1994 and 2017. Initially the study concluded that there is a majority of publications elaborated individually, but there are also many co-authors with researchers from institutions in Rio de Janeiro, where the bank is headquartered. Most of these authors publish in the area of Economic Development, a priority in the performance of the institution and have a predominantly structuralist theoretical framework, confirming an expected alignment with the theoretical / political orientation of the governments of the studied period.

KEYWORDS: Economic theory; economic history; history of economic thinking.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	7
1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Objetivos.....	9
1.1.1 Objetivo geral	9
1.1.2 Objetivos específicos	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
3 METODOLOGIA.....	14
4 A PUBLICAÇÃO NA REVISTA BNDES: AUTORIAS, INSTITUIÇÕES ATUANTES E ÁREAS ESTUDADAS (1994 A 2017)	16
4.1 Autoria	17
4.2 Instituições Envolvidas	18
4.3 Áreas de Conhecimento dos Artigos	20
4.4 Correntes de pensamento econômico predominantes nos artigos	25
5 NOTAS CONCLUSIVAS	27
REFERÊNCIAS	28

LISTA DE SIGLAS

BACEN	Banco Central
BM	Banco Mundial
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNDESPAR	BNDES Participações S.A.
Cepal	Comissão Econômica para América Latina e o Caribe
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FGV-Rio	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBMEC	Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais
IDP	Instituto Brasiliense de Direito Público
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
UNB	Universidade de Brasília
UCAM	Universidade Candido Mendes
UNEAL	Universidade Estadual de Alagoas
UNESA	Universidade Estácio de Sá
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
PSDB	Partido Socialista Democrático Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores

1 INTRODUÇÃO

A ciência econômica tem evoluído e acompanhado as mudanças ocorridas na atividade produtiva ao longo do tempo. Rossetti (1982), entretanto, coloca que alguns estudiosos acreditam que a pesquisa econômica deveria se preocupar apenas em entender o presente, mas deixando o passado nos arquivos, por ser ultrapassado pela evolução da realidade. Nos dias atuais, com a praticidade e o dinamismo exigidos, muitas vezes, não se perde tempo para refletir sobre as ideias que os filósofos e sábios economistas do passado, com todas as limitações existentes de suas épocas, nos deixaram como herança. Predomina nas academias o entendimento de que o processo evolutivo da ciência é fundamental para conhecer as origens de cada ideia desenvolvida, por isso é importante, e também para compreender as teorias dentro do contexto em que foram formuladas, ajudando a entender suas restrições e avanços.

Desde o início das principais teorizações científicas até hoje, o pensamento econômico tem passado por várias transformações. O principal desafio dos pesquisadores da área de ciências sociais aplicadas em países periféricos, particularmente dos economistas, é promover o desenvolvimento sócio econômico, com a redução das desigualdades sociais e com compromisso socioambiental, estimulando as capacidades de inovação em um mundo que exige transformações e dinamismo a cada dia. Foi nesse sentido que o governo brasileiro criou, em 1952, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), uma autarquia federal com o objetivo de formular e executar políticas nacionais de desenvolvimento econômico, possibilitando financiamentos de longo prazo e investimentos nos mais variados segmentos da economia brasileira. Juntamente com o banco, veio a criação da revista do BNDES com o objetivo de divulgar o conhecimento gerado na seguinte autarquia e também, fortalecer a imagem do banco como elaborador e executor de ações para o desenvolvimento.

O presente trabalho pretende realizar um estudo que tem por principal objetivo identificar as linhas teóricas e de pesquisa nas publicações da revista do BNDES entre 1994 e 2017, classificando, como objetivo secundário, a produção por autoria individual ou coletiva e verificando seu respectivo vínculo institucional. Esta revista científica tem algumas particularidades, principalmente de ser editada por um órgão do governo federal e publicar apenas a produção de seus próprios funcionários, diferentemente da regra de se aceitar publicação de qualquer pesquisador que queira contribuir com seus estudos.

O presente estudo obedece às devidas etapas de um trabalho acadêmico de conclusão de curso, que resultaram na elaboração de quatro capítulos, além desta introdução. O segundo capítulo trata do referencial teórico, contendo uma breve descrição da evolução do pensamento econômico e o terceiro capítulo centrou na metodologia e as especificidades da pesquisa realizada. No capítulo quatro o objetivo central é desenvolvido, expondo os principais resultados a que a pesquisa chegou, e, por fim, no quinto e último capítulo, são elencadas as principais conclusões do trabalho.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

- Quantificar e classificar as linhas teóricas e de pesquisa nos artigos da revista do BNDES entre 1994 e 2017.

1.1.2 Objetivos específicos

No mesmo intervalo de tempo e na mesma revista colocada no objetivo central:

- Classificar a produção por autoria individual e coletiva;
- Verificar o vínculo institucional dos autores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo que se segue trata da produção contemporânea em ciência econômica no Brasil, procurando verificar as áreas de conhecimento mais exploradas pelos pesquisadores e o embasamento teórico de suas investigações, assim, torna-se necessário realizar um breve retrospecto das vertentes principais da economia para explicitar esses paradigmas clássicos que foram desenvolvidos por vários outros estudiosos, mas que servem de referência básica nas academias até a atualidade. O presente capítulo é um esforço de síntese nesse sentido.

A evolução da atividade produtiva está ligada aos esforços das sociedades em melhorar sua capacidade técnica e satisfazer suas necessidades, foram os próprios seres humanos que sentiram os primeiros impactos do desenvolvimento e a complexidade de sua organização, como afirma Rossetti (1982). Na era neolítica o homem começou a explorar os instrumentos em atividades da agricultura e pastoreio, já nas idades do bronze e do ferro, as novas conquistas de terras exigiram o uso bélico, tanto do ferro quanto do bronze, em lutas pela sobrevivência. Mais tarde, na Grécia e em Roma, vieram os filósofos e as primeiras concepções acerca da economia surgiram. Na Grécia houve a colaboração de Platão, Aristóteles e Xenofonte e em Roma os principais pensadores foram Catão, Varão, Columela e Paládio. Todos eles desenvolveram trabalhos que continham aspectos econômicos, mas sem a formação de um conjunto científico, suas observações estavam atreladas a algumas regras práticas de administração doméstica, administração pública, moral prática e de conselhos políticos.

Com a queda de Roma inicia-se a idade média, conforme Hugon (1984), um período de produção artesanal voltada ao consumo local. Só a partir do século XI com o crescimento demográfico foi possibilitado o desenvolvimento do comércio e cidades. Assim, difundiram-se as trocas internacionais e também a indústria têxtil, mobilizando grandes somas de capitais, que instituíram o sistema bancário e a formação dos instrumentos de crédito. Portanto, as criações medievais com características da economia moderna. Paralelamente, as contribuições da igreja para economia foram restritas, ela condenava os juros e algumas práticas comerciais, alertando para o perigo da livre iniciativa e a concorrência.

Já no mercantilismo, segundo Hugon (1984), desenvolveram-se sentimentos nacionalistas, ocasionando transformações políticas e sociais. As nações se centraram no acúmulo de metais preciosos, símbolos de potência econômica e riqueza nacional. As metrópoles foram buscar nas colônias o ouro e a prata, fazendo do comércio internacional um instrumento de política econômica. No início do século XVIII, o mercantilismo começou a

sofrer críticas, os estados fortes ainda eram os ideais da época, mas as causas da riqueza passaram a ser analiticamente apuradas, nascia aí a economia como ciência.

De acordo com Rossetti (1982), juntamente com o século XVIII chegou o racionalismo, influenciando as correntes do pensamento econômico e proporcionando um conjunto de novas teorias. Sintonizada com as ideais libertárias, a atividade econômica começa a ser praticada mais intensamente em mercados e também os pensadores começam a teorizar acerca dessa nova realidade. Surgem a partir daí as primeiras escolas de ciências econômicas, a fisiocrata e a clássica, sendo que esta segunda tem o maior reconhecimento da história do pensamento econômico, devido a seu desenvolvimento teórico e metodológico destacado. A escola fisiocrata na França, liderada por François Quesnay foi a primeira a surgir e defender o liberalismo e individualismo, argumentando em torno da superioridade da atividade agrícola. Já a escola clássica, fundada por Adam Smith na Inglaterra alguns anos depois, estava mais conectada com a indústria, o que não impedia de admitir a geração de valor em outras atividades, sempre enfatizando a importância da ordem natural das coisas para que as economias pudessem se desenvolver.

Diante da expansão do capitalismo industrial, afirma Rossetti (1982), ocorreram as crises de superprodução contrariando as clássicas leis do ajustamento automático entre oferta e demanda. Com isso, em reação a estes problemas surgirão duas escolas de pensamento econômico, a histórica alemã e a escola socialista. A escola histórica alemã nasce na tentativa de explicar o comportamento econômico das nações através da pesquisa histórica. A escola socialista teve nas ideias de Marx e Friedrich Engels, a principal reação metodológica ao classicismo, revolucionando as concepções teóricas a partir do novo método dialético-histórico. Pouco depois surgiram os pensadores que ainda no século XIX retomaram a concepção liberal em outras bases metodológicas, estes ficaram conhecidos como marginalistas (conforme Vasconcellos e Garcia, 2004). Esta corrente formalizou a evolução da microeconomia considerando o comportamento do consumidor a partir da análise das necessidades humanas e das leis que determinam a utilização dos recursos disponíveis para satisfazê-las, além disso, apresentou novas concepções acerca do valor, da utilidade, do trabalho, da produção, da escassez, da formação dos custos e dos preços, adotando métodos matemáticos na construção de modelos teóricos representativos da realidade.

Paralela às ideias marginalistas, como descrito por Vasconcellos e Garcia (2004), também inaugurada na mesma época por Léon Walras e Vilfredo Pareto, marginalistas, desenvolveu-se uma corrente de pensamento preocupada com a análise do equilíbrio geral, que subiu mais um nível a economia ao adotar uma estrutura científica não alcançada pelos

teóricos do liberalismo. Tempos depois, o pensamento marginalista, à luz da tradição clássica, foi retomado por Alfred Marshall e este unindo as ideias da teoria do classicismo e marginalismo, elaborou a chamada síntese neoclássica, demonstrando que o livre funcionamento da economia de mercado garante a ótima alocação dos recursos produtivos, e também, que o estado poderia assumir um papel orientador na atividade econômica.

Segundo Vasconcellos e Garcia (2004), já no século XX, diante da grande depressão vivida por muitos países no mundo, John Maynard Keynes foi quem se sobressaiu entre os que começavam a perceber transformações na economia, concebendo uma teoria adiante chamada de “revolução” Keynesiana. Os estudos desse autor propõem uma série de novos desenvolvimentos teóricos, porém, são calcados em última instância na teoria neoclássica, consubstanciando uma ruptura parcial com a teoria clássica liberal. Uma das principais inovações keynesianas foi inverter a primazia microeconômica ao propor uma teoria macroeconômica para as crises que previa, ao final, a intervenção do Estado como única forma de reerguer as combalidas economias de mercado. Keynes procurou pesquisar os determinantes do nível do emprego e da renda nacional e percebeu que o estado deveria participar da atividade econômica em épocas de crise, compensando a ausência dos investimentos privados nessas fases. O trabalho desse autor provocou grandes transformações no meio econômico acadêmico, e, com isso, gerou algumas divergências internas em sua teoria, que foram e são debatidas por três grupos de pesquisadores que podem ser classificados como fiscalistas, pós-keynesianos e os neokeynesianos (monetaristas).

Os monetaristas têm como economista de destaque Milton Friedman, privilegiam o controle da moeda e um baixo grau de intervenção do estado. Os Fiscalistas são guiados por James Tobin e Paul Anthony Samuelson, eles recomendam o uso de políticas fiscais ativas e acentuado grau de intervenção do estado. Já os pós-keynesianos com destaque para Joan Robinson, enfatizam o papel da especulação financeira e defendem um papel ativo do estado na atividade econômica. Apesar da diferença entre as correntes de pensamento, todos aceitam os pontos fundamentais da teoria keynesiana.

Para Vasconcellos e Garcia (2004), é importante acrescentar ao panteão das grandes teorias econômicas históricas uma outra corrente de pensamento que destacou as variáveis sociais em seu arcabouço, com a intenção de ligar a economia às instituições sociais: o institucionalismo, que tem como grande expoente Thorstein Veblen e, posteriormente, como discípulo destacado John Kenneth Galbraith. A ênfase foi a crítica à abstração exagerada da teoria econômica e ao pressuposto neoclássico de ganhos e perdas marginais dependentes do

comportamento humano, acreditando que as decisões dos agentes econômicos são tomadas com base na influência das instituições dominantes e do desenvolvimento tecnológico.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho tem por objetivo contribuir com o estudo da produção acadêmica brasileira em economia nos últimos anos, verificando as linhas teóricas adotadas como referência nos trabalhos publicados na revista do BNDES nos últimos 24 anos, bem como também apontar as linhas de pesquisa mais exploradas pelos autores dos artigos. A presente pesquisa é de caráter bibliográfico e dissertativo descritivo, buscando na aludida publicação inicialmente quantificar os autores que tiveram artigos aceitos, as instituições desses, para posteriormente verificar as vertentes do pensamento econômico utilizadas e os campos de pesquisa mais contemplados nas investigações que estão inseridas na publicação científica de uma autarquia federal do Brasil. Serão apurados dados quantitativos referentes as reflexões dos pesquisadores a partir, da reedição em 1994, portanto, nos últimos 24 anos, por meio da observação de sua versão eletrônica, através de sua página on line.

Um elemento importante a ser colocado neste tipo de estudo é a contextualização histórica, pois o intervalo temporal é quantitativamente e qualitativamente significativo. Além de sua extensão, deve-se registrar que ao longo do período o país foi governado por duas correntes políticas com perspectivas econômicas distintas, embora tenham se aliado ao mesmo grupo fisiologista para obter maioria no congresso. Na primeira metade do período o Brasil foi comandado pelo PSDB (dois mandatos, 8 anos), com um projeto mais conservador centrado no objetivo de garantir a estabilidade monetária a muito perdida, e introduzindo programas sociais de forma tímida, enquanto na sequência vem três gestões do PT (a quarta foi interrompida no início com impeachment), com preocupações sociais mais pronunciadas, avançando nos programas sociais já existentes e criando outros, ainda que sem realizar maiores reformas estruturais na economia. Estes marcos podem ter conexão com as variáveis estudadas em razão da publicação estudada ser do governo federal, particularmente na orientação teórica dos trabalhos (mais ortodoxa nas equipes econômicas dos dois primeiros mandatos e mais heterodoxa nos demais), e/ou nas temáticas exploradas (mais exclusivamente focadas na economia na primeira fase ou relacionada a questões sociais na segunda), e isto será verificado.

Para efeitos operacionais da pesquisa, a classificação das áreas de conhecimento toma como referência as áreas estabelecidas nas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de economia quando se tratar dos grandes blocos teóricos, e se adotará a classificação das áreas do banco quando as áreas forem mais específicas, como estudos sobre micro, pequenas e médias empresas. No que diz respeito à orientação teórica adotada como referencial do

trabalho pelos autores, os marcos estão expostos no capítulo teórico e é feita a partir, inicialmente, do título do trabalho, que algumas vezes já indica o viés da análise, mas se esse não fornecer informações suficientes, se recorre ao conteúdo do resumo do texto e se o resumo ainda não conter essa informação então se recorre à leitura do referencial teórico. Alguns casos mais específicos como os trabalhos na área de economia aplicada, podem se omitir em relação ao referencial teórico, e, nesse caso, não será computado, o que também ocorrerá com os que citarem estudos mais recentes sem vinculá-los a um dos referenciais clássicos (a referência tem de ser explicitada).

Por fim, deve ser registrada a vertente estruturalista, que tem como maiores representantes Raul Prebisch e Celso Furtado, este último tido como o economista brasileiro de maior contribuição para o pensamento econômico. As ideias que viriam a se consolidar mais tarde começaram a ser esboçadas e delineadas a partir da criação pela ONU da Comissão Econômica para a América Latina, a CEPAL, quando foi nomeados uma série de economistas para discutir a realidade da América Latina e buscar alternativas de desenvolvimento econômico para ela. Esse grupo de estudiosos acabou por produzir uma compreensão nova e específica para interpretar os problemas econômicos dos países pobres no século XX, que dizia de suas situações desfavoráveis ao estar num contexto histórico em que o capitalismo já se encontrava em estágio avançado histórica e tecnologicamente, inseridos internacionalmente como exportadores de produtos primários. Esta condição foi determinada historicamente pela ausência de um projeto nacional que levaria à assimilação dos novos modelos de produção capitalista, assim prevaleceram elites atrasadas preocupadas apenas em enriquecer explorando a barata e farta mão de obra desqualificada local. Essa ideia central e todo seu desenvolvimento pode ser encontrada no livro maior desta vertente (também chamada cepalina em razão da comissão que lhe deu origem): a formação econômica brasileira (Furtado, 2007).

4 A PUBLICAÇÃO NA REVISTA BNDES: AUTORIAS, INSTITUIÇÕES ATUANTES E ÁREAS ESTUDADAS (1994 A 2017)

No presente capítulo se expõe os resultados da pesquisa realizada e a discussão das informações levantadas. São apresentados os dados quantitativos da produção acadêmica na publicação estudada, a revista do BNDES, tratando especificamente as variáveis autoria, instituições de origem dos pesquisadores, vertente teórica de referência do artigo e áreas de conhecimento das pesquisas. A revista em questão tem como tema central e geral dos trabalhos publicados o desenvolvimento econômico, admitindo temas que tangenciem este, de forma que se verifica a relação das temáticas dos artigos publicados com a linha teórica predominante do governo, órgão controlador do banco. Outro diferencial deste periódico é sua política editorial diferenciada, uma vez que acata basicamente publicações de funcionários do órgão mantenedor da revista e não contribuições da comunidade acadêmica em geral, o que faz com a pesquisa acerca das instituições participantes se atenha às coautorias ou a universidades que o autor também trabalha, além do próprio BNDES.

O BNDES foi criado na década de 1950 e ficou caracterizado como uma empresa pública federal que está vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Este órgão foi concebido para ser o principal instrumento de execução para financiamento de médio e longo prazos no país e tinha seus recursos, por determinação da constituição federal de 1988, advindos do extinto fundo PIS-PASEP, mas atualmente a maior parte do seu capital advém do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Por meio do banco, o governo age de forma direta e também executa suas ações por intermediação de agentes financeiros, como bancos comerciais, bancos de investimentos e sociedades financeiras, a estas, por meio de uma comissão, chamada *del credere*, tornando-as corresponsáveis na liquidação da dívida. O crédito é direcionado aos setores industrial e social, considerados de interesse ao desenvolvimento do país, contudo, o BNDES conta ainda com quatro subsidiárias nas seguintes áreas: Finame – financiamentos de máquinas e equipamentos industriais a empresas nacionais; Embramec – destina financiamentos a ampliação da capacidade instalada no país; Fibrasa – objetiva desenvolver a produção nacional de insumos básicos e a Ibrasa – visa reforçar a capitalização da empresa nacional participando, como acionista minoritário, do capital social. Atualmente o banco proporcionou a fusão da Embramec, Fibrasa e Ibrasa, originando o BNDES Participações S.A.-BNDESPAR. Com o objetivo de promover a capitalização das empresas nacionais por meio de participações acionárias, o banco consolida o investimento, depois coloca as ações adquiridas à venda no mercado. Ele também opera,

como garantidor no lançamento público de novas ações e financiamento para que os acionistas venham a subscrever o aumento de capital da empresa.

A revista do BNDES é de edição semestral e tem por objetivo disseminar o conhecimento gerado na instituição sobre desenvolvimento econômico e social. Conforme Arida (1994), ela começou a circular em janeiro de 1964 e assim, prosseguiu até fins de 1979. Relançada em 1994 voltou a disponibilizar para a sociedade reflexões produzidas por seu corpo técnico e, excepcionalmente, por pesquisadores externos, envolvendo questões relevantes em relação à temática do desenvolvimento nacional. Com o passar do tempo, sua primeira fase revelou-se um acervo valioso para os que desejam inteirar-se de problemas atinentes ao desenvolvimento econômico do país, processo esse ainda inconcluso, e, portanto, ainda significativo para compreensão das modificações estruturais na economia na atualidade, o que era de se esperar, uma vez que seus colaboradores são profissionais de alto nível que trabalham com o financiamento de alguns dos mais importantes projetos para o país. No relançamento de seus trabalhos, a revista afirma que o banco continua sendo uma autarquia de ideias sobre o Brasil, sempre pensando o país para ajudá-lo no enfrentamento dos desafios sociais e econômicos. Contendo artigos, ensaios e estudos de executivos, técnicos e consultores do banco, as novas edições, mostram a preocupação da instituição em participar do debate acadêmico nacional, principalmente em relação ao tema desenvolvimento.

4.1 Autoria

Nas informações levantadas das publicações do BNDES, foram apurados registros de 456 artigos, ao longo dos 24 anos de publicação, sendo um total de 257 publicações individuais (correspondente a 56% do total). As publicações em coautoria, por sua vez, somaram 199 trabalhos, o que representou 44% do computo total, e estas foram constituídas em parte, entre os pares no ambiente de trabalho, e em parte em cooperação entre os colaboradores do banco e pesquisadores externos.

Uma fração significativa das contribuições para as produções coletivas foi realizada por professores que atuam simultaneamente, em universidades e também no banco, e o espaço destinado a autores e especialistas de áreas afins totalmente externos ao banco é diminuto. A participação total dos autores que tem vínculo com a instituição mantenedora é dada pelo registro de 632 nomes distintos de pesquisadores, um percentual de 89% do total, contra 11% de publicações que envolvem autores externos. A excepcionalidade é tão explícita que quando isso acontece é registrado em número especial, no caso, os registros encontrados no periódico,

13 pesquisadores externos, mais que o dobro no decorrer dos anos analisados na pesquisa, centrou-se no ano de 2014, ano de uma edição especial sobre economia agrícola com a contribuição de 08 pesquisadores da Embrapa, investigando, em particular, a integração do milho às usinas de cana-de-açúcar para produção de etanol.

Outra variante a ser registrada é a publicação do corpo editorial da própria revista, que apresentou 20% da quantidade de artigos, como pode ser visto na Tabela 1. Na mesma, apresentam-se com maior assiduidade os autores Jorge Cláudio Cavalcante (professor da UERJ) e Terezinha Moreira, com 05 publicações e Marco Aurélio Cabral, com 04 textos, todos do corpo do BNDES, e no caso dos dois primeiros, ainda respondem, respectivamente, pelas funções de gerente da área de exportações e chefe do departamento de operações de saneamento.

Tabela 1 - Membros do conselho editorial da revista BNDES que publicaram no período de 1994 à 2017.

Membro do Conselho	Qtde	Membro do Conselho	Qtde
Ana Cláudia Além	03	José Antonio Pereira de Souza	01
André Luiz de Souza Guimarães	01	José Carlos de Castro	01
Armando Castelar Pinheiro	03	Luciana Xavier de Lemos	02
Carlos Fernando Lagrota	01	Luiz Ferreira Xavier Borges	03
Daniel da Silva Grimald	01	Marco Aurélio Cabral Pinto	04
Daniel Wajnberg	01	Patrícia Zendron	02
Denise Andrade Rodrigues	01	Ricardo Agostini Martini	02
Dulce Monteiro Filha	01	Rodrigo Ferreira Madeira	02
Ernani Teixeira Torres Filho	01	Ricardo Weiss	01
Fabício Cattermol	02	Sergio Bittencourt Varella	01
Florinda Antelo Pastoriga	01	Solange Domingo Alencar	01
Gilberto Borça Junior	01	Suely Barbosa Monnerat	01
Guilherme Baptista da Silva	02	Terezinha Moreira	05
Guilherme Tinoco de Lima	01	Thais Linhares Juvenal	01
Jorge Cláudio Cavalcante	07		
SUB TOTAL	27		27
TOTAL			54

Fonte: Tabela elaborada pelo autor do trabalho

4.2 Instituições Envolvidas

Para dimensionar a segunda variável relacionada à produção acadêmica da revista do BNDES o estudo buscou quantificar e especificar as instituições educacionais dos autores dos trabalhos, bem como os institutos de estudo e pesquisa, também frequentes como vínculo

profissional dos pesquisadores. O corte mais importante na análise dessa variável é mostrado na tabela 2, e diz respeito à participação mais frequente de instituições do Rio de Janeiro, sejam elas universidades ou centros de pesquisa, respondendo, conjuntamente, por 63% dos vínculos empregatícios dos autores. Essa produção muito restrita geograficamente se deve à proximidade dessas instituições em relação à sede do BNDES, todas localizadas na cidade do Rio de Janeiro. Dos 85 registros de universidades às quais os autores integravam seu quadro docente, 12 são de professores e pesquisadores com atuação simultânea na UERJ e no banco. A Universidade Estadual contém a maior atuação dentre as fluminenses, enquanto as outras obtiveram 42 menções, do total de 54.

Tabela 2 - Participação das instituições na produção intelectual da revista BNDES
(1994 à 2017)

Instituições Nacionais	Quantidade¹
Banco Central do Brasil	02
Banco Mundial	01
Cepal	01
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)	01
Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ)	04
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)	01
Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC)	05
Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP)	01
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)	06
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)	02
Universidade de Brasília (UNB)	03
Universidade Candido Mendes (UCAM)	05
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)	01
Universidade Estácio de Sá (UNESA)	02
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	01
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)	12
Universidade Federal da Bahia	01
Universidade Federal Fluminense (UFF)	09
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	01
Universidade Federal do Pará (UFPA)	01
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	04
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	09
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	06
Universidade de São Paulo (USP)	06
TOTAL	85

Fonte: Tabela elaborada pelo autor do trabalho.

¹Para não realizar múltipla contagem de um mesmo trabalho, devido às co-autorias, não considerar esse valor como correspondente ao número de artigos.

Outras instituições de várias partes do país complementam o quadro geral, como as universidades de São Paulo, e as federais de Minas Gerais, Brasília e as outras do Nordeste, como a UFBA, UNEAL, UFPE e UFPA. Além das instituições acadêmicas, se constatou também a participação de institutos tradicionais como o IPEA, IBGE, BACEN, BANCO MUNDIAL, EMBRAPA e a CEPAL, ficando para o instituto de pesquisa econômica aplicada uma atuação mais frequente.

4.3 Áreas de Conhecimento dos Artigos

Os bancos de desenvolvimento estatais, diferentemente de bancos comerciais, estão voltados ao fomento a empreendedores de todos os portes, auxiliando em projetos de modernização e expansão de negócios, apoio a cultura e as ações sociais. Eles podem agir de diversas formas, seja por meio de financiamentos a investimentos, subscrição de valores mobiliários, prestação de garantias ou com concessão de recursos sem reembolso quando esses projetos obtêm caráter social, cultural e tecnológico. Assim, exercendo suas funções de diversas maneiras, atuam em diversos setores ligados ao desenvolvimento econômico, social e socioambiental. As áreas de apoio pertinentes ao BNDES são: Economia Agrícola; Economia da Cultura; Desenvolvimento regional; Economia Internacional; Indústria, Comércio e Serviços; Economia do Setor Público; Economia da Inovação; Meio Ambiente; Micro, Pequena e Médias Empresas; Mercado de Capitais e também na área de Economia Solidária, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 - Áreas de atuação na publicação do BNDES
de 1994 à 2017.

Áreas de Atuação	Qtde
Economia Agrícola	05
Economia da Cultura	01
Desenvolvimento Regional	116
Economia Internacional	37
Estudos setoriais (Indústria, Comércio e Serviços)	43
Economia do Setor Público	80
Economia da Inovação	30
Meio Ambiente	12
Mercado de Capitais	77
Micro, Pequena e Médias Empresas	07
Economia Solidária	48
TOTAL	456

Fonte: Tabela elaborada pelo autor do trabalho.

Os dados mostrados na tabela anterior revelam que a maior parte das publicações são orientadas para a área de desenvolvimento regional, com 116 trabalhos, representando cerca de 25% do total produzido. Esta área tem grande influência devido a convergência com o propósito do banco, desenvolvimento de diversas regiões com foco com redução da desigualdade. Outros segmentos que apresentaram uma maior quantidade de trabalhos como, Economia do Setor Público (80 artigos) e Mercado de Capitais (77 artigos) merecem destaque, já que, demonstra possíveis ações tomadas no Setor Público direcionadas a ampliação e conservação da infraestrutura. No Mercado de Capitais as atenções do banco são voltadas para formas de operacionalização na captação e fornecimento de recursos para investimento, por meio da empresa BNDESPAR, e as investigações verificam o alcance dos financiamentos diversos concedidos.

No bloco de quantitativo intermediário de artigos publicados por área aparecem áreas diversas, mas importantes, como Economia solidária (48), estudos setoriais (43), economia internacional (37), e economia da inovação (30), que indicam a preocupação da instituição e seus autores em expor e discutir resultados de pesquisa em segmentos de populações menos favorecidas, na dinâmica setorial da economia e na relação com o setor externo e as demais economias do mundo. As áreas com menos publicações como, Economia Agrícola (5 artigos), Economia da Cultura (1 artigo) e Economia das Micro, Pequenas e Médias Empresas (7 artigos), revelam áreas que poderiam ser mais exploradas, mas são temáticas mais específicas que não receberam tanta atenção dos pesquisadores.

A ação do banco nessas áreas está delineada em seus canais institucionais, e pode ser resumida com principais linhas de atuação:

Desenvolvimento regional – A tabela acima evidencia a importância da área Desenvolvimento Regional e Territorial e a Infraestrutura, coerentemente com os objetivos da instituição BNDES. Nesta área as ações são realizadas tanto no desenvolvimento regional, visando as desigualdades de renda, como na atuação territorial com integração de instrumentos financeiros e formação de parcerias com diversos agentes econômicos (Entes públicos, privados e do terceiro setor). Neste grupo são elaboradas análises socioeconômicas; ocorrem articulação de equipes de trabalho interdisciplinares buscando formar conglomerados nas regiões mais próximas onde se tem o apoio do banco e tem-se a criação da política de dinamização regional, incentivando investimentos em regiões menos favorecidas, com fomentos em proporção maior que sua contribuição para a formação do PIB nacional.

Economia do Setor Público – Esta área tem sido priorizada pelo banco desde a sua fundação, sua importância está na melhoria da qualidade de vida da população, na integração das regiões do país, na competitividade e produtividade das empresas. O apoio é concedido aos projetos de transporte, energia e na ajuda aos governos nas concessões e parcerias entre setores públicos e privados. No setor de energia o estímulo vai para a geração de energia hídrica, eólica, térmica, nuclear e de biomassa. Nos transportes o BNDES atua na construção e modernização de rodovias, ferrovias, aeroportos, navegação, portos, terminais e armazéns, assim como, em projetos de mobilidade urbana, com foco para transportes de alta e média capacidade.

Mercado de Capitais – Por meio de sua subsidiária, a BNDESPAR, o banco assiste as empresas brasileiras através de instrumentos de renda variável em complemento aos seus produtos de financiamento. São apoiadas empresas nascentes, iniciantes ou até pré-operacionais, com véis inovador por meio de fundos de investimento. Já as empresas com mais maturidade o apoio vem por meio de subscrição de valores mobiliários, como ações ou debêntures conversíveis, onde é incentivada as ofertas públicas iniciais no Bovespa Mais.

Economia Solidária – Com foco nas reduções das desigualdades sociais e regionais, o banco na área social intercede na inclusão social e produtiva, nos investimentos sociais de empresas e no desenvolvimento social e urbano. A inclusão produtiva injeta recursos não reembolsáveis do *BNDES Fundo Social*, aos empreendimentos coletivos de baixa renda, em especial os grupos da agricultura familiar, com preferência para os formados por mulheres, jovens e comunidades tradicionais. Na categoria reembolsável da inclusão produtiva, o *BNDES Microcrédito* apoia pessoas físicas e jurídicas com atividades produtivas de pequeno

porte, por meio da concessão de empréstimos e investimentos em obras civis, máquinas e equipamentos, insumos e materiais, entre outros itens. Os investimentos sociais de empresas, contam com recursos para implantação, expansão e consolidação de projetos e programas de investimentos sociais, cedidos as empresas com alto grau de responsabilidade social empresarial e voltados para o fortalecimento de políticas públicas nos diferentes níveis federativos. No desenvolvimento social e urbano, o banco financia obras de infraestrutura social, tais como saneamento, escolas, malha viária e sistemas de transporte públicos, assim como, financia também a modernização da administração tributária das prefeituras, visando otimizar os recursos em benefício da sociedade. Toda essa assistência e fomento mediante o impacto positivo por parte dos projetos.

Economia Internacional – Este setor é essencial para a economia do país, medidas que estimulem o segmento proporciona uma maior competitividade das empresas nacionais no exterior, também gera empregos internamente e atrai divisas em moeda estrangeira. O investimento neste setor se dá em dois momentos: primeiro na assistência a produção de bens e serviços voltada ao mercado externo, chamada de pré-embarque. Segundo no financiamento a comercialização desses produtos no exterior, nomeada etapa pós-embarque. No momento pré-embarque cabe ao exportador amortizar e liquidar a dívida, já no outro, o banco antecipa o pagamento que será realizado pelo importador que poderá ser uma empresa estrangeira ou um país. Todas as etapas são fomentadas a taxas semelhantes com as oferecidas no mercado internacional.

Indústria, Comércio e Serviços – Em um mundo cada vez mais competitivo e globalizado, a atenção para áreas que são mais propícias a gerar renda e empregos é fundamental. Por isso, o BNDES ao financiar projetos nestes setores busca, ampliar a capacidade produtiva; o fornecimento de produtos de qualidade a preços competitivos; aumentar exportações; melhorar a eficiência energética; e elevar a capacidade de inovação. Assim, concede a compra de máquinas e equipamentos sem similar nacional e também capital de giro, oferecendo sempre condições favoráveis de crédito as companhias de pequeno porte.

Economia da Inovação – O banco entende a inovação como uma das áreas da economia de principal importância, pois o devido apoio influencia a competitividade das empresas brasileiras. Ela contribui para o aumento da eficiência na produção, geração de novos produtos e criação de empregos qualificados agregando maior valor econômico e social para o Brasil. A linha BNDES de inovação, com apoio as empresas de todos os portes e setores; o fundo *Criatec* com assistência financeira e apoio gerencial às micro e pequenas empresas inovadoras e o *Funtec* (Fundo tecnológico) com recursos não-reembolsáveis aos

projetos de pesquisa aplicada, quando estes forem de interesse social, é cedido as instituições tecnológicas em parcerias com empresas. São exemplos de instrumentos de apoio a inovação.

Meio Ambiente – Entendendo a preservação e recuperação do meio ambiente como condição essencial para a humanidade, o banco apoia projetos de saneamento, gestão de resíduos, eficiência energética e conservação de biomas, além disso, os financiamentos a projetos são concedidos mediante análise dos impactos ambientais. É permitido apoio a conservação de importantes biomas naturais do planeta, como o *Fundo Amazônia* que combate o desmatamento, a conservação e o uso sustentável da floresta Amazônica e a *Restauração Ecológica* com fomento não reembolsável a projetos de restauração de todos os biomas brasileiros, exceto o bioma Amazônia.

Micro, Pequenas e Médias Empresas – A atenção especial dada as micro, pequenas e médias empresas são demonstradas nas condições financeiras mais favoráveis para estes clientes, a aplicação de taxas de juros menores e prazos maiores para pagamento são reflexos dessa ação. Empresários individuais, microempreendedores, produtores rurais e caminhoneiros fazem parte deste grupo, e estão aptos a fomentos em redes credenciadas pelo banco, já que, o banco não conta com agência. Os bancos públicos e privados ajudam nesse apoio. As opções de crédito são: O *Cartão BNDES* que funciona como um cartão de crédito destinados a aquisição de bens e serviços; O *BNDES Giro* para despesas do dia do seu negócio, com destaque para as taxas de juros menores e aprovação mais rápida; O *Canal do desenvolvedor MPME* que vai facilitar o acesso às linhas de financiamento e o *Fundo Garantidor para Investimentos* (BNDES FGI) que pode ser contratado pelos clientes para complementar as garantias nos financiamentos.

Economia da Cultura – É apostando na diversidade cultural brasileira e na possibilidade das manifestações artísticas de movimentarem cadeias produtivas e gerarem trabalho, emprego, renda e inclusão social que o banco dispõe de financiamentos, recursos não reembolsáveis e fundos de investimento. Estes são aplicados diretamente no setor audiovisual, na cadeia produtiva do livro que vai da editora a livraria, além dos jogos digitais e na preservação e restauração do patrimônio histórico, artístico e arquitetônico do país.

Economia Agrícola – O banco apoia pequenas e grandes empreendedores, focando no estímulo ao setor, que tem uma expressiva atuação econômica no país, representando um quinto da riqueza produzida. O setor também é responsável por saldos positivos na balança comercial, através da entrada de divisas que provem da exportação de produtos agrícolas. Os financiamentos a tratores, investimentos em irrigação, gastos até a época de colheita, pecuária de corte e até reformas de pastos fazem parte do apoio no campo. Na agroindústria tem-se

ajuda no beneficiamento da produção e na construção e manutenção de frigoríficos. Vale ressaltar que muitos clientes são cooperativas e as concessões financeiras são condicionadas à avaliação dos impactos ambientais, conforme diretriz do banco.

4.4 Correntes de pensamento econômico predominantes nos artigos

O último subitem relacionado ao objetivo neste estudo é verificar a predominância de correntes do pensamento econômico nas publicações ao longo dos anos estudados. Conforme mostrado na tabela 4, há maior frequência do pensamento Estruturalista na maioria dos anos da pesquisa, principalmente a partir do ano 2000. No interstício estudado isto ocorre com inserção pontual de outras perspectivas teóricas (Neoclássica e Pós-keynesiana), mas essas alternativas só dominam no período inicial do estudo.

Tabela 4 - Relação do Pensamento Econômico predominante nas publicações da revista BNDES de 1994 à 2017.

Ano	Predominância do Pensamento Econômico
1994	Neoclássicos
1995	Neoclássicos
1996	Estruturalistas
1997	Neoclássicos/Pós-keynesianos/Estruturalistas
1998	Neoclássicos
1999	Estruturalistas
2000	Estruturalistas
2001	Estruturalistas
2002	Estruturalistas/Neoclássicos
2003	Estruturalistas
2004	Estruturalistas/Neoclássicos
2005	Estruturalistas/Neoclássicos
2006	Estruturalistas
2007	Estruturalistas
2008	Estruturalistas
2009	Estruturalistas
2010	Estruturalistas
2011	Estruturalistas
2012	Estruturalistas
2013	Estruturalistas
2014	Estruturalistas
2015	Estruturalistas/Neoclássicos
2016	Estruturalistas
2017	Estruturalistas

Fonte: Tabela elaborada pelo autor do trabalho.

Na vertente estruturalista as referências histórica e institucional são consideradas determinantes do comportamento humano e econômico, mas o quadro também mostra a convivência, dentro da revista, de concepções que divergem dessa abordagem histórica e adotam a uma premissa a-histórica, no caso, as formulações neoclássicas, que partem da racionalidade individual da ação do homem em seu comportamento econômico, contrariamente às racionalidade de classes adotada pela primeira vertente. Ainda pode ser visualizado, mas com pouca frequência, a presença da concepção pós-keynesiana, sendo que os trabalhos que adotam esse referencial têm como principal tema assuntos relacionados ao mercado de capitais e os instrumentos que são utilizados como forma de investimento em setores estratégicos como a infraestrutura (debêntures de infraestrutura).

No período analisado, dois grupos políticos conduziram o país, com seus projetos político-econômicos. A primeira fase vai do início do período até 2002 e é liderada pelo partido PSDB, reconhecido como partido de centro-direita, e na sequência, até o final o país foi governado por dirigentes vindos do PT, sendo que nos dois últimos anos da série a presidente sofre impeachment e é substituída pelo vice-presidente, do PMDB. No começo do período, até 2001, havia uma ênfase na reconstituição dos fundamentos macroeconômicos, particularmente monetários, deteriorados após décadas de inflação acentuada, nesta fase observa-se um certo rigor fiscal, abertura comercial, além de algumas privatizações em setores estratégicos com o objetivo de atrair novas tecnologias, melhorando a eficiência e dando dinamismo à economia. Já no período que vai de 2002 a 2015, o governo iniciou com a mesma política de abertura comercial e maior ênfase as exportações seguindo o que já vinha sendo realizado, mas deu início a uma expansão nas políticas sociais, como o bolsa família que resultou da junção de outras assistências concedidas pelo governo. O viés neoclássico, predominante nos 3 primeiros na revista, é coerente com a vertente predominante também no governo federal, bem como também é coerente com a perspectiva do partido de centro esquerda que passou a conduzir os rumos do governo federal a partir de 2002, o pensamento estruturalista prevalecente na revista a partir do mesmo ano.

5 NOTAS CONCLUSIVAS

A presente pesquisa procurou efetuar alguns cortes de análise sobre a produção contida na revista do BNDES, considerando a produção por autor, instituições, áreas de conhecimento e vertentes do pensamento econômico. A primeira conclusão é a de que não houve concentração em relação ao critério da autoria, pois muitos pesquisadores se fizeram presentes nos números estudados da revista, sendo que, a maior parte foram de produções individuais e de autores vinculados ao próprio BNDES, em segundo lugar, ficou evidenciado que quando o autor tinha vínculo com alguma instituição de ensino superior, prevalecia a participação direta das instituições educacionais do Rio de Janeiro. O destaque de atuação ficou para as publicações da UERJ, seguida da UFF e da UFRJ, mantendo o estado do Rio de Janeiro como mais atuante nas produções, sem participações semelhantes de outros estados da região Sudeste ou mesmo, estados de outras regiões brasileiras nas publicações. Quando se observa a atuação de institutos de pesquisa externos ao mundo acadêmico, o IPEA aparece isolado, ressaltando a deficiência de órgãos de pesquisa no Brasil.

Do ponto de vista do corte por áreas de conhecimento, as publicações da revista BNDES nos períodos estudado tem forte relação com as áreas de atuação do próprio banco, que trabalha e fomenta o desenvolvimento sócio e econômico do país, assim como, a redução da desigualdade social tão acentuada. As informações coletadas permitiram constatar um volume de artigos muito maior que os demais na área de Desenvolvimento Regional (116 trabalhos), que foi seguida de longe pela área de Economia do Setor Público (com 80 artigos), mercado de capitais (77 textos) e indústria, comércio e serviços (43 trabalhos).

Por fim, considerando o paradigma teórico adotado, verificou-se, como era de se esperar, a predominância da uma perspectiva alternativa, no caso, a estruturalista, tendo em vista o banco ser estatal e, assim, influenciado pela condução do governo, que a partir de 2002 teve inclinação à esquerda, isso após os três primeiros anos da série, em que prevalece a referência neoclássica, referência do governo nesses anos iniciais. Sobressaiu o caráter “oficial” da publicação, o que não diz respeito a nenhum julgamento de qualidade dos artigos publicados, já que são paradigmas igualmente reconhecidos no meio acadêmico nacional.

REFERÊNCIAS

ARIDA, Persio. Texto de apresentação. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro. jun. 1994, v.1, n.1, p. 3-4. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/863>. Acesso em: 24 out. 2017.

ASSAF NETO, Alexandre. Sistema Financeiro Nacional. In _____. (Org.). **Mercado financeiro**. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2011. Cap. 3.

BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. **Estudos e Pesquisa**. Rio de Janeiro: BNDES. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/quem-somos/nossa-história>. Acesso em: 04 set. 2017.

BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. **Estudos e Pesquisa**. Rio de Janeiro: BNDES. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Galerias/Convivencia/Publicacoes/Consulta_Expressa/Tipo/Revista_do_BNDES/. Acesso em: 04 set. 2017.

BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. **Estudos e Pesquisa**. Rio de Janeiro: BNDES. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/transparencia/fontes-de-recursos>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. **Estudos e Pesquisa**. Rio de Janeiro: BNDES. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/onde-atuamos>. Acesso em: 22 out. 2018.

FURTADO, Celso. **A formação econômica brasileira**. Companhia das letras: São Paulo, 2007.

HUGON, Paul. **Histórias das doutrinas econômicas**. 14.ed. São Paulo: Atlas, 1984.

ROSSETTI, Jose Paschoal. **Introdução à Economia**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 1982.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de; GARCIA, Manuel Enriquez. **Fundamentos de Economia**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2004.